REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

21.º Anno — XXI Volume — N.º 715

10 DE NOVEMBRO DE 1898

Redacção — Atelier de gravura — Administração

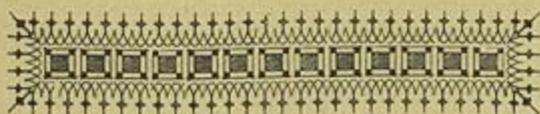
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

THEATRO D. AMELIA

A ACTRIZ ROSA DAMASCENO

(Copia de uma photographia)

CHRONICA OCCIDENTAL

A proposito de ter fechado a fabrica de faianças das Caldas da Rainha, Francisco de Andrade escreveu de Wiesbaden uma carta commovente a Raphael Bordallo Pinheiro, a quem dizia: «Como portuguez e como artista não me soffre o animo ver perdidas tantas obras d'arte do nosso grande compatriota.»

Glorioso é tambem para nós o grande barytono portuguez, Francisco de Andrade, um dos mais afamados dos actuaes cantores de opera lyrica. A musica é lingua universal e por isso elle poude, longe da patria ás vezes tão pouco carinhosa para os seus, levar a vida entre applausos e revelar, longe do peccaminoso indifferentismo portuguez, os dotes com que a boa natureza o fadou para as artes.

Revoltou-o uma injustiça e de tão longe quiz mostrar que não tinha sómente uma alma de verdadeiro artista mas continuava sendo portuguez de lei, enthusiasta das nossas glorias

Offerece elle a Raphael Bordallo Pinheiro um subsidio annual de trezentos mil réis. Fosse o exemplo seguido, e não teria que fechar um estabelecimento com que tanto estavam lucrando em Portugal certos ramos de arte, que tanto e tantas vezes fóra do reino nos haviam honrado.

A fabrica das Caldas deve novamente abrir. Para isso será preciso conjugar esforços, accumular actividades. Mas é força que assim succeda para proveito do paiz e honra da arte portugueza.

Não corre prospero o tempo para os artistas portuguezes, sabemol-o demais; mas o caso acontecido a Bordallo Pinheiro acordou os mais indifferentes e descuidados.

Felizmente pode desde já contar-se com a boa vontade dos poderes publicos. Mostrou-a já o sr. Presidente do Conselho, quando em sua casa recebeu uma commissão que em nome dos amigos e admiradores do grande artista portuguez, lhe foi falar sobre o assumpto. A mesma commissão procurou depois o sr. ministro das obras publicas, que fez a Raphael Bordallo o maior dos elogios e depois convidou a mesma commissão para acompanhal-o a uma visita á fabrica das Caldas. Essa visita realisou-se logo no dia seguinte. Assim soube o sr. Elvino de Brito ao mesmo tempo mostrar-se justissimo e penhorar para sempre os amigos de Raphael, que longe estavam de pensar encontrar nos poderes publicos o mesmo enthusiasmo pela arte que ás secretarias do estado os tinha levado.

Assim obteve Raphael Bordallo uma victoria completa. Mais tarde as camaras decidirão o que ha de fazer-se. Certo será por acclamação votado qualquer projecto, pois que assim é preciso que o paiz demonstre o seu agradecimento a quem tanta vez couberam os maiores quinhões de gloria em exposições, onde se havia feito representar o mundo inteiro.

É com o maior prazer que damos noticia das tão fundadas esperanças que nos alegram a alma. Sempre que se faz justiça e que d'ella resulte o bem de alguem, é caso para alegrias.

E justiça anda pedindo a imprensa inteira a favor d'um artista querido que ha de obtel-a, podemos assegural-o, e contra uma lei mal applicada de que foi victima um jornalista e que brevemente será revogada ou explicada mais claramente, conforme foi asseverado pelos srs. presidente do conselho e ministro da justiça.

Justiça ainda é reclamada contra uma feroz brutalidade de que, segundo consta, foi victima um pobre operario portuguez. São accusados de o terem morto com maus tractos alguns soldados da guarda municipal, que o haviam prendido por um delicto insignificante, uma desordem com um amigo á porta d'uma taberna.

A opinião publica está excitada e não admira, porque a accusação recae exactamente sobre aquelles, em cujas mãos a auctoridade depôz a manutenção da ordem.

Trata-se, além d'isso, de parte do exercito portuguez, cujo bom nome todos desejamos.

Não tanto, porém, que desejemos uma injustiça.

E a proposito vem o recordarmos o que em França continúa a passar-se com respeito á revisão do processo Dreyfus. Continúa o caso complicado e assustando até, com as complicações que

póde trazer a toda a politica, não sómente França, mas a Europa e o mundo inteiro.

O tempo não vae correndo bom nas chancellarias. Um segredo revelado no processo póde ser motivo de uma guerra sanguinolenta, talvez no mundo inteiro, talvez a maior dos tempos modernos.

E constantemente pequeninas questões se levantam que a prudencia logo abafa, todos desejosos de manter o equilibrio instavel, cuja perda será a ruina do edificio colossal.

Acabou o bello tempo dos addidos janotas, que levavam aos paizes longinquos as modas novas dos collarinhos e o corte novo da ponta d'uma bota. Figuras ridiculos de patetinhas de exportação, acabou-se-lhes o tempo. Um ou outro isolado, ainda mette o monoculo sob o supercilio e deixa cahir dos labios uma ou outra banalidade sobre equilibrio europeu no intervallo de duas marcas de contradança; mas a maior parte recolheu ao bem estar da familia e deram logar a melhores cabeças com peiores chapeus.

Dançaram o ultimo *cotillon*. O dia que vem nascendo entre brumas será um dia de trabalho O barometro está baixo, o ponteiro marca mau tempo. O mais que póde fazer-se é aproveitar uma ou outra hora bonita, que o verão de S. Martinho tambem as tem e, sem figura de rhetorica, muita gente o vae ainda aproveitando.

Haja vista qualquer praia de Portugal. Em todas ellas ainda um resto de animação.

O outomno é tão bello, que é difficil assim dizer adeus a tanta belleza que á beira-mar se accumula. Pinhaes, onde o vento de tarde se perfuma, gemem docemente baloiçando as comas negras nos tons pallidos do poente. Correm calafrios sobre as aguas serenas como espelho. Folhas seccas remoinhando sussurram cantos de despedida. A melancolia invade as almas e é fonte de sonhos. Uma saudade aperta os corações.

Custa a deixar a praia, dizer adeus ao mar, a uns olhos bellos que tanta vez sorriram para aquelles horizontes, a uma musica, valsa morbida, que, pela primeira vez ali se ouviu e cantará na lembrança para sempre, a tantas alegrias, aos passeios, aos cavacos na praia, ao quatorze, que por dez vezes se acertou em cheio.

Amor e batota é, salvo erro, o titulo d'um poema velho de Thomaz de Mello. Pois podia ser a historia de quasi todos n'essas praias das costas de Portugal: A minha Marcia e o treze, a minha Anarda e a segunda duzia.

Lisboa, com seus theatros quasi todos abertos, afóra e de D Maria que ha de inaugurar no sabbado os espectaculos e o de S Carlos em que pouco se fala, vai assumindo um aspecto mais de cidade civilisada.

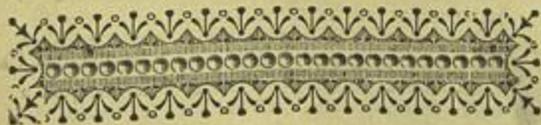
Os cyclistas começam concorrendo de manhã ao Campo Grande, onde a feira está desanimada. A Avenida dentro em pouco apresentará as suas galas pelas tardes bonitas. E' outro já o movimento das carruagens e nos passeios cumprimentam-se amigavelmente os que, ha muito, se não viam.

Vianna da Motta, o notavel pianista portuguez, deu um concerto em casa de Rey Collaço e outro a alguns poucos amigos em casa de seus paes. Foi esse o maior acontecimento artistico d'este principio de inverno. Enorme artista é esse tambem, enorme e progredindo sempre, alma de artista e consciencia inexcediveis, inegualavel na execução.

Não voltará tão breve a Portugal. Tentam-o glorias. A lingua que elle fala todos a entendem e por isso elle vai colhendo glorias no mundo inteiro.

E para os filhos tamanhos de terra tão pequena é pouco todo o nosso apreço. Paguemos-lhes com palmas, quando por pobresinhos d'outra fórma não soubermos fazel-o.

E tendo começado por falar de Bordallo Pinheiro, fechemos a chronica com Vianna da Motta, duas chaves d'oiro portuguez.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

ROSA DAMASCENO

Ha dias, o publico que assaltara a bilheteira e enchia todos os logares do theatro D. Amelia, desde as primeiras filas das cadeiras até ás ultimas bancadas da galeria, n'uma d'essas ovações inolvidaveis, applaudiu os artistas queridos, que vaivens da sorte e um sopro de temporal fizeram arribar áquella costa felizmente hospitaleira.

Com dois pequeninos pontos brilhantes nos olhos enternecidos, Rosa Damasceno sorria ao publico, que, doido, a acclamava.

Acabava de representar a *Suzel* do *Amigo Fritz*.

E todos a chamavam, porque fôra de excepcional encanto, quando entrara em casa do amo, trazendo-lhe o ramo de violetas; porque soubera mostrar e a todos communicar a misteriosa commoção que sentira, ouvindo os accordes ternos da rebecca tocando á porta; porque fôra graciosamente meiga nos seus cuidados de boa dona de casa, e tão candida recitando trechos da biblia, tão pura, tão cheia de luz, que trouxe lagrimas aos olhos de quem a viu; porque soube dizer-nos, em só pequeninos gestos e n'um olhar sómente, maguas de saudade e felicidades do amor.

Linda, com o seu fato de alsaciana, os cabellos loiros cahidos n'uma trança pelas costas e um grande laço de veludo preto, como enorme borboleta sobre os cabellos perfumados como flôres, Rosa Damasceno era bem a Suzel dos sonhos de Erckmann-Chatrian.

Após essa noite, succederam-se já muitas outras, todas de egual triumpho para quem possue segredos taes de commover. Nem gritos, nem gestos largos; na comedia uma naturalidade, que é um encanto misterioso; no drama uma pequenina lagrima na voz, que tanto basta. E pelos meios mais simples obtem os maiores effeitos, por esses meios tão simples, que são dotes só de grandes artistas.

O talento de Rosa Damasceno é como uma vara de condão nas mãos de uma fada boa. O que ella lhe pede, elle o dá logo. E aos olhos encantados de quem a vê parece que o faz sem um só esforço, tão naturalmente como d'um fonte corre, entre os lirios da margem, uma agua limpida Elle deu-lhe a graça nos ditos, a meiguice no amor, a ingenuidade na malicia e a malicia na ingenuidade. Elle só é quem se transforma, oiro purissimo em mãos de prodigo, nas mais scintillantes criações, elle quem desabroxa n'essa flôr perenne de mocidade, cuja vista lembra madrugadas frescas, flôres orvalhadas a que as abelhas veem sugar o mel.

Nada se póde escrever sobre tamanha artista. Quem não a viu dirá que se exagera; mas aquelle que a conhece achará que são pobres as mais requintadas phrazes e pallido o melhor estyl.

LANÇAMENTO DA PRIMEIRA PEDRA PARA O CANAL DO CHIVEVE

A cidade da Beira, essa tão florescente quão moderna povoação da Africa oriental portugueza, que pelo seu desenvolvimento constitue quasi que um assombro na historia das nossas colonisações, acaba de ser dotada com varios melhoramentos, sobresaindo pela sua magnitude o canal do Chiveve, importante obra a que se deu começo solemne com a cerimonia tocante do lançamento da primeira pedra, no dia 20 de setembro, proximo passado, perante as auctoridades e pessoas mais illustres da nascente cidade portugueza.

Já antes das 9 horas da manhã do dia 20 de setembro se achava o logar, onde se realisou a cerimonia, alegremente adornado com bandeiras portuguezas e francezas, e uma notavel concorrencia da melhor gente da Beira se preparava para assistir, por gentil convite do sr. Ph. Richemond, engenheiro francez, director das obras do Chiveve, áquella cerimonia tão significativa.

Quando todos se achavam reunidos no pavilhão construido especialmente para o accto, o sr. Richemond dirigiu a S. Ex. o sr. governador uma breve congratulação em francez pelo lançamento da primeira pedra para o canal do Chiveve, dizendo que esta grande obra era o inicio de uma modificação assaz sensivel do aspecto geral da cidade da Beira, a qual estabelecida primitivamente sobre uma estreita lingua de areia já hoje não tem area sufficiente A companhia de Moçambique promovendo este importante trabalho protegia a cidade contra o mar, e desenvolvia o commercio com a construcção do caes, docas, etc.

S. Ex.ª o governador, sr. coronel Gorjão, agradecendo estas phrases, historiou os trabalhos feitos e elogiou a actividade da Sud-Est Africain Company, de que o sr. Richemond é representante local.

Tambem fallou o digno consul inglez mr. R. C. F. Greville que se congratulou vivamente, com S. Ex.ª o governador, pela brilhante obra emprehendida.

Por amavel obsequio do sr. Gustavo Adolpho Pereira, illustrado empregado da companhia de Moçambique, recebemos uma bella photographia tirada pelo sr. I. R. Carvalho, representando a cerimonia do lançamento da primeira pedra, e que reproduzimos na nossa estampa da pagina 252.

Para se avaliar da selecta concorrencia que assistiu ao solemne acto, citaremos, entre outras, as seguintes pessoas, cujos nomes temos presentes:

Sua excellencia o sr. governador; o intendente D. Egas Moniz; o sr. juiz; o secretario geral sr. Lisboa de Lima; os consules inglez, allemão e americano, religiosas e religiosos portuguezes; officiaes da guarnição da Beira; empregados da companhia de Moçambique; os membros do club da Beira, drs. Lovell e Lacerda; capitão Serrão; directores do Bank of Africa and Standard Bank, srs. Suter & Co., Rapozo & C.ª, Manica Trading Company, Wm. Philippi & C.ª, Wallerstein, Hirst & C.ª, the Oceana Company, Deutsche Ost Afrika Linie. Srs. J. Munir, E. Cleary, Barahona e Costa, A. Fernandes, J. de O'Ramos, J. de O Duque, Pimentel Furtado Cerejo, A. L. Lawley, Martini, E. G. George, D Cameron, Sceebeli, Larpent, Munting, Wright, Brown, A. W. H. Glenny, Mascarenhas, J. M. Douglas, Raposo irmãos, Andrews, L. Lee, Diepeveen, P. Hirst, Coelho, Pinto Basto, Mayer, Vooght, Muirhead, M. M. Reynaud, J. Alves, Clusserath, Hoffman, Schoch, Barth, Kidd, G. Vaghi. Obrist, Briere, Moreira, W. H. Maas, C. H. Lepper, Stuhlman. H. C. Robertson, Pinto Camello. F. Sanches, Amorim e Rev. R. Robins, etc.

NA MATTA DO BUSSACO [1]

A FLORESTA

> Ahi está a soberba matta do Bussaco, esse aprazivel tapete de verdura coroando as penedias agrestes e escarpadas da montanha. Um estreito muro separa este magnifico arvoredo dos terrenos visinhos; mas a mão do homem soube crear tão grande e primorosa riqueza vegetal no meio da nudez d'aquelles cerros escalvados.
>
> *Dr. J. A. Simões de Carvalho.*

Não conhecemos em o nosso paiz floresta mais povoada, mais rica de belleza e variedade de arvores do que a magestosa e pittoresca matta do Bussaco.

Quem transpõe os muros da velha cêrca fica verdadeiramente surprehendido e encantado com a formosura, mimo e riquezas vegetaes que ella nos ostenta; e a surpreza é tanto mais agradavel, quanto o resto da serra, pela maior parte, se mostra despida e escalvada.

Compacta multidão de arvores corpulentas e seculares, no seu maior desenvolvimento e vigor, bracejando pittorescamente para todos os lados, entrelaçam e cruzam seus ramos em grande altura, formando esplendentes cupulas de folhagem, que os raios do sol não podem penetrar. Offerecem o mais bello contraste as folhas aciculares dos pinheiros e dos cedros misturadas com a ramagem dos loureiros, dos carvalhos e dos platanos; ao lado de troncos lisos, direitos e esguios — lenhos nodosos, espessos, e irregulares; no meio de grupos de arvores novas, sahindo apenas da infancia, — colossos abatidos e prostrados pelo peso de annos, e que, apodrecendo agora, vão servindo de alimento ás que lhes succedem. Faxas de heras e outras trepadeiras, cingindo os troncos musgosos, sobem á maior altura do arvoredo, e d'ahi ficam pendentes em graciosos festões.

Por baixo das arvores mais corpulentas, e como protegidos por seus ramos colossaes, surgem d'aquelle solo fecundo vasta republica de arbustos e moitas de plantas mais rasteiras, ostentando tambem uma vegetação vigorosa e exuberante. Não ha um palmo de terreno descoberto; as mesmas pedras e rochedos se vêem atapetados de viçosos musgos, de mimosas e variadas relvas.

Os viajantes que têm percorrido os formosos valles e pittorescos montes da celebrada Suissa,

[1] Do bello livro *Guia historico do viajante no Bussaco* do sr. Augusto Mendes Simões de Castro, extractamos, com a devida venia, os capitulos referentes á *Floresta* e *As modernas plantações* do Bussaco.

ficam surprehendidos e admirados do vigor variedade e encantos que se encontram n'esta extensa floresta. O principe de Lichnowsky sentiu-se por tal modo enthusiasmado quando a visitou em 1842, que se imaginou transportado aos antiquissimos bosques do Oriente, e não duvidou affirmar que a matta do Bussaco não tinha egual na Europa.

Grisley, insigne botanico allemão, que no seculo XVII escreveu uma flora do nosso paiz com o titulo *Viridarium Lusitanum*, diz que Portugal justificadamente se denomina jardim da Europa e exalta particularmente a feracidade do solo do Bussaco:

«... Jardim da Europa é com razão chamado Portugal pelas innumeraveis variedades de plantas... Por espaço de quasi trinta annos peregrinei todo este paiz, percorrendo-o desde o Cabo de S. Vicente, ao sul, até á ultima região do norte, entre Douro e Minho. E tanto diversificam na variedade de plantas estas regiões, que parece estarmos vendo aqui os Alpes da Suissa, alli Creta; nem o intervallo d'esta diversidade se definha esteril, porque n'elle sobresai pujante o nobre Bussaco, pouco distante de Coimbra, deserto dos padres descalços da sagrada ordem do Monte do Carmo, que bem pode denominar-se um segundo Libano pela feracidade das especies vegetaes, e pela corpulencia dos cedros.»

Muito curiosa é a descripção que faz o elegante chronista fr. João do Sacramento das riquezas vegetaes do Bussaco, e por isso a transcrevemos:

«Mas quem poderá decifrar em numeros, ou numerar por seus nomes, não já os individuos, mas ainda as especies de arvores que o auctor da natureza clausurou no recinto de Bussaco? Alem das plantas conhecidamente vulgares, se desentranha o terreno na producção de lentiscos, azereiros, azevinhos, adernos, espinheiros, cedros, platanos e cinamomos; e com tal feracidade, que a mais vasta noticia d'esta frondosa republica o não poderá notar de mesquinho na esterilidade de alguma. Discorria em certa occasião o sitio o reverendissimo padre fr. Jeronymo de Saldanha, D. abbade geral da ordem de S. Bernardo, acompanhado do prior actual da casa fr. Paulo do Espirito Sancto; e, notando a fecundidade da natureza na procreação de tão bastos e diversos arvoredos, a censurava de não produzir alli o teixo, arvore de mais gala, que serventia; e de qualidades tão nocivas, que dizem ter na sombra antipathia com a saude, e ainda com a vida de todos os animaes. Calava-se o prior á queixosa censura do geral; mas, chegando á fonte, que chamam Fria, lhe deram resposta tres plantas da mesma especie que buscava. Vendo a satisfação do queixume, e o desvanecimento da opinião de que era singularidade de Alcobaça produzir a tal planta; teve de confessar a Bussaco por um mappa do arvoredo do mundo. D'ellas, já arruadas á corda, já em mattas cerradas, é tal a multidão de arvores, que havendo tempestade, que prostrou mil páos dos mais soberbos, não fez ao resto do vegetal córte sensivel, apparecendo depois vestido, como se não fôra rosto da tormenta.

«Das hervas cheirosas, como legacão, madresilva, trevo real, betonica, e tantas outras que na penna não cabem, se ornam os estrados, e tecem alcatifas dos montes e valles, onde por ostentação da pompa, ou vaidade no caduco de suas verduras se senta e descança a primavera quasi todo o anno. As medicinaes, pelas qualidades dos tres elementos agua, terra e ar, são de sorte proficuas á restauração da saude, que Grisley, insigne herbolario italiano, em um tractado que da materia compoz, affirma que, havendo peregrinado a maior parte da Europa, encontrara na serra do Bussaco quasi todas as hervas que descreve Laguna sobre Dioscorides; com a excellencia de serem vigorosas, sobre as que a herbolaria conhece. O mesmo contesta a Pharmacopolea, sinaladamente do filipodio; e, quando não cante a victoria, póde Bussaco jactar-se de competir inculto com os celebres parques ou jardins de Paiva e Veneza, cultivados para o mesmo intento e fim.»

Quando a ordem dos carmelitas descalços alcançou do bispo de Coimbra, D. João Manuel, em 1628, a vertente occidental da serra do Bussaco onde fundou o seu deserto, já então havia alli espessa floresta de arvores corpulentas. A poetisa D. Bernarda Ferreira de Lacerda cantando este saudoso ermo no seu poema *Soledades de Buçaco*, impresso em 1634 (seis annos apenas depois de fundado o deserto carmelitano), assim o dá a entender quando diz:

A partes las arboledas
  Muestran bosques tan cerrados
  Que no los traspassa Phebo
  Con sus rutilantes rayos.
Desde la entrada al convento
  Se camina por debaxo
  De pavellones de plantas
  Cuyos ramos forman lazos.
Alli se mezclan las hojas
  De los platanos copados
  Con los enebros, y fresnos,
  Los robles, y alamos altos.
Alli el funesto cypres
  Com el vituriosa lauro
  De las hayas, y saúcos
  Estan recibiendo abraços.
Alli el arbol que galan
  Se vé primeiro adornado
  De la flôr que de las hojas
  Crece dulce, y crece amargo.

N'outro logar do poema *Soledades de Buçaco* diz a mesma poetisa:

En sitio mas riguroso,
  Y mas escondido al uso
  Hondo valle se descubre
  De verde yerva desnudo.
Entre mil quiebras de rocas
  Yaze triste, y casi obscuro
  Con negras sombras de robles
  Que alli son grandes, y muchos.
Llenos de barbas por viejos,
  Y en las cabeças tan juntos,
  Que no sufren los transpasse
  El planeta rubicundo.

Estabelecidos alli os carmelitas, foi um dos seus principaes cuidados o augmento da floresta. A isso os obrigava uma disposição das suas *Constituições*, que por curiosa passamos a transcrever:

«Para que o sitio do Deserto seja sempre aprazivel, e apto para a oração, será obrigado o prior a pôr de novo cada anno arvores silvestres: nem poderá cortar, nem arrancar alguma sem approvação do Capitulo Conventual, concorrendo ao menos para isso duas partes das tres dos votos. E para que o fervor do espirito não se entibie com o demasiado cuidado da agricultura; mandamos que tão sómente se cultive aquelle espaço de terra, que possam cultivar um ou dois operarios.»

Conserva-nos o *Agiologio Lusitano* a noticia de um carmelita benemerito da sylvicultura do Bussaco, fr. João Baptista, natural de Silves, cuja memoria deve ser abençoada por todos quantos admiramos aquella frondosa matta. Recolhido a este deserto no tempo ou pouco depois de sua fundação, alli viveu por espaço de treze annos plantando por suas proprias mãos grandissima quantidade de arvores.

As arvores e arbustos de que principalmente se compõe a matta e que n'ella vegetam espontaneas, ou quasi espontaneas, são as seguintes:

Acer campestre L.—Bordo commum. Acer pseudo platanos L.—Platano bastardo. Alnus glutinosa Gärtn.—Amieiro. Arbutos unedo L.—Medronheiro. Betula alba L.—Vidoeiro. Buxus sempervirens L.—Buxo arboreo. Calluna vulgaris Salisb. —Urze ou torga ordinaria. Castanea vulgaris Lam. —Castanheiro. Cercis siliquastrum L.—Olaia. Cistus crispus L.—Esteva. Cistus hirsutus ladaniferus L.—Esteva ou xára. Cistus salviaefolius L.—Esteva. Citrus auratium Riss.—Larangeira. Citrus limonum Riss.—Limoeiro. Corylus avellana L.—Avelleira. Crataegos oxyacantha L.—Pilriteiro ou espinheiro. Cupressus glauca Lam.—Cedro do Bussaco. Cydonia vulgaris Pers.—Marmeleirol Cytisus candicans DC. Erica arborea L.—Urze branca. Erica australis L.—Urze. Erica cineria L.—Urze. Erica lusitanica Rud.—Urze Erica scoparia L.—Urze das vassouras. Erica umbellata Lois.—Urze. Fraxinus angustifolia Vahl.—Freixo. Genista falcata Brot.—Tojo gadanho. Genista triacanthos Brot. —Tojo mollar. Halimium umbellatum Spach, a. Hedera helix L.—Hera. Hypericum Androsaemum L.—Androsemo. Ilex aquifolium L.—Azevinheiro. Juglans regia N.—Nogueira. Laurus nobilis L.—Loureiro ordinario. Lavandula Stoechas L.—Rosmanhinho. Lonicera Periclymenum L.—Madresilva das boticas. Myrica Faya Ait.—Samóco ou faia das Ilhas. Myrtus communis L.—Murta. Olea europoea L.—Oliveira. Persea indica Spreng.—Loureiro real. Phillyrea angustifolia L.—Lentisco bastardo. Phillyrea latifolia L.—Aderno. Phytolacca decandra. L.—Phytolacca, planta dos cachos da India. Pinus pinaster Ait.—Pinheiro bravo. Pinus Pinea L.—Pinheiro manso. Platanus occidentalis L.—Platano. Prunus avium L.—Cerejeira. Pronus Cerasus L.—Ginjeira. Prunus domestica L.—Ameixieira mansa. Prunus lusitanica L. —Azereiro. Prunus Padus L.—Azereiro dos damnados. Pterospartum cantabricum Spach.—Carqueja. Pterospartum stenopterum Spach.—Carqueja. Pyrus communis L.—Pereira. Pyrus malus L.—Macieira. Pyrus pyraster Wllr. Pereira brava ou catapreiro Quercus humilis Lam.—Carvalho anão. Quercus occidentalis Gay.—Carvalho occidental. Quercus pubescens Brot.—Carvalho pardo da Beira. Quercus racemosa Lam.—Carvalho commum ou carvalho branco. Quercus suber L.—Sobreiro. Rhamnus Alaternus L.—Sanguinho das sebes. Rhamnus Frangula L.—Sanguinho d'agua. Robinea pseudo-acacia L.—Acacia bastarda. Rosmarinus officinalis L.—Alecrim. Rubus caesius L. —Silva. Rubus discolor Weihe—Sarça ou silva. Ruscus aculeatus L.—Gilbarbeira Salix atro-cinerea Brot.—Salgueiro preto. Sambucos nigra L. —Sabugueiro. Sarothamnus grandiflorus Wbb.—Giesteira das sebes. Sarothannus Welwitschii Bss. et Reut. Smilax mauritanica Desf.—Legacão. Spartium junceum L.—Giesteira ordinaria. Taxus baccata L. Teixo Thymus caespititius Hffg. Lk.—Tormentelo. Ulex micranthus Lge.—Tojo Ulex nanus Forst.—Tojo. Ulex scaber Kze., b. glabrescens Wbb.—Tojo. Ulmus campestris Sm.—Ulmeiro, negrilho ou mosqueiro. Viburnum Tinus L.—Folhado.

Eram estas as arvores e arbustos do antigo povoamento da matta do Bussaco.

Quizeramos apresentar tambem aqui o riquissimo inventario das restantes plantas que pompeam na floresta, entre as quaes notavelmente sobresahem as cryptogamicas; mas para isso seria mister avolumar este livro com algumas dezenas de paginas, o que nos obriga a desistir de tal proposito.

AS MODERNAS PLANTAÇÕES

As arvores e arbustos que enumerámos no capitulo antecedente são só os indigenas, que, segundo dissemos, vegetam no Bussaco espontaneamente ou quasi espontaneos.

De plantas exoticas é tambem riquissimo o Bussaco; mas esta riqueza só lhe proveiu depois que a floresta foi annexada á administração geral das mattas do reino. Desde então têm-se feito alli muitas e variadas plantações, que já se apresentam vigorosas e bastante desenvolvidas.

Do notavel incremento que no Bussaco se começou a dar á sua arboricultura, apenas se incorporou a matta n'aquella administração, poder-se-ha fazer idéa pelas auctorizadas informações do respeitavel agronomo e eximio redactor do *Archivo Rural*, o conselheiro Rodrigo de Moraes Soares, que, tendo ido passar alli parte do verão de 1859, publicou as seguintes noticias n'aquelle excellente periodico:

«Residimos toda a temporada na matta do Bussaco, que é a dama dos nossos pensamentos. Por encarecimento de seus dons alguns lhe chamam Cintra do norte, mas parece-nos que desfazem no que pretendem engrandecer e louvar. Em Cintra o que haverá que ver, alem do que alli tem feito um principe de alto entendimento e ardente dedicação pelas cousas de Portugal? No Bussaco não sobresahi, é verdade, a obra dos homens, mas ha muito que admirar na obra de Deus, que revela a sua omnipotencia na magestade da vegetação.

. . . .

E não se attribua a mania esteril a nossa affeição pelo Bussaco. A belleza e amenidade d'este antigo e sancto retiro inspira uma doce e mysteriosa melancholia a quem o contempla; mas não é só por este lado que nos arrebata o pensamento: considerações menos poeticas e mais positivas é que de todo nos prendem ao seio d'aquella deliciosa floresta.

Na matta do Bussaco vegeta a laranjeira *(citrus aurantium)* e o vidoeiro (*betula alba*). Está claro que entre os extremos de uma escala formada, por estas duas plantas, podem florescer milhares d'ellas; e por isso acreditamos que alli se podem fazer extensos ensaios de aclimatação de arvores florestaes exoticas com acrescentamento da natural belleza da cerca, e por conveniencia dos interesses economicos do paiz.

E acreditamol-o não só fundados em razões de analogia, mas já em provas directas e factos concludentes.

Vai para quatro annos que o governo incorporou na administração geral das mattas do reino a matta do Bussaco. Então havia perto de vinte especies florestaes indigenas; e hoje muitas exoticas, já alli radicadas, promettem esperançosos resultados. Varias especies de carvalhos e freixos do Mexico, diversos exemplares do genero *acer*, betulas, faias, nogueiras pretas, tilias, catalpas, pawlonias, choupos, e muitas outras especies indigenas completam uma consideravel collecção de plantas folhosas, novamente introduzidas no Bus-

saco. Dois exemplares da *casuarina equisetifolia*, que apenas têm dois annos, apresentam um vigor de vegetação admiravel. As coniferas exoticas estão tambem alli representadas por curiosos individuos das tribus das cupressineas, das abietineas, das taxineas e das podocarpeas. Os juniperos bermudianos, os da Virginia, e outros medram no Bussaco a olhos vistos, assim como os cedros deodora, os do Libano e atlanticos. Encanta ver o desenvolvimento rapido de uma araucaria Cunningami; as brasiliensis, de que ha para cima de 20 exemplares, estão muito viçosas. Das taxineas temos lá varias especies; o *taxodium semper virens* avantaja-se a todas. Encontram o terreno caroavel cinco especies de abetos; do *pectinata*, e do *picea* ha para mais de 40 exemplares. Os pinheiros elevam-se com ufania; o *sylvestris*, *canariensis*, *nigra*, *laricio*, *insignias*, desenvolvem-se admiravelmente. Dos pinheiros novos do Mexico possue o Bussaco uma collecção de vinte especies; foram alli semeados ha pouco mais de um anno, e estão bem dispostos. Do *pinus pinsapo* ha um exemplar lindissimo de tres annos, e para mais de cem ainda novinhos. De outras arvores menos notaveis tem-se feito uma soffrivel collecção.»

De 1859 até hoje têm-se continuado a fazer novas plantações no Bussaco. As arvores modernamente plantadas apresentam-se muito promettedoras, e grande parte ostentam já admiravel desenvolvimento. Merecem especial menção os formosos grupos ao lado e para baixo do mosteiro, os que ficam superiores á fonte de Sancta Thereza, e as plantações da clareira inferior á rua da Rainha.

Augusto Mendes Simões de Castro.

PORTUGAL VELHO

(CAPITULO D'UM ROMANCE INEDITO)

A D. João da Camara

Accordado pouco depois do romper do dia, ergueu-se o mancebo de prompto e, como quem está preso d'uma idéa fixa, perguntou ao criado se não conheceria ninguem capaz de reconstituir por tradição, ou de memoria propria, a acção de Santa Barbara, em que tanto se distinguira o avô.

— Não *sinto* por aqui ninguem d'esses tempos, apezar de conhecer por cá meio mundo. Em todo o caso, talvez que o patrão da casa me dê noticia d'alguem. Eu vou vêr.

— Pois vae e Deus queira que sejas feliz na diligencia

LANÇAMENTO DA PRIMEIRA PEDRA PARA O CANAL DO CHIVEVE (BEIRA)

(Copia de uma photographia do sr. J. R. Carvalho, enviada ao OCCIDENTE)

Volvidos poucos minutos, voltou Pedro muito satisfeito; havia em Chaves effectivamente um velhinho, que tinha sido soldado de cavallaria n'essas calamitosas e agitadas épochas e costumava contar á lareira passagens do tempo dos francezes, com grande gaudio do môço auditorio e bastante ufania d'elle, contista.

— Vamos já d'aqui a casa do homemsinho colher informações — interrompeu Fernando radiante.

— Mas olhe que, pelos modos, elle não pode acompanhar-nos; está meio entrevado.

— Deixál-o; tomaremos notas e lá procuraremos adaptal-as ao terreno.

— Ás ordens de V. Ex.ª

— Então vamos d'ahi.

Sahiram de casa encaminhados por um *paquete*, [1] marçano da loja de bebidas appensa ao albergue, cujos serviços o dono da hospedaria pôz á disposição dos viajantes.

A pouco trêcho cruzavam os humbraes da humilde morada do alquebrado veterano.

Informado este pelo môço da locanda do fim a que vinham, não foi senhor de conter o alvoroço, que o invadiu. Pudéra não! Se ia ter ensejo de matar saudades d'um passado, que mais e mais se affastava com os annos, se lhe seria dado avivar scenas tão fundamente gravadas no registo sagrado das suas recordações!! Obsequioso e exultando de contentamento, mandou offerecer uma cadeira a Fernando e multiplicou desculpas de o receber sentado, repetindo com amargor:

— O meu mal todo, o que me mata, são as pernas... pois foram d'uma cana!

— Por quem é, não se encommode.

— Quer não, que não posso.

— Quantos annos tem — perguntou Fernando, para evitar mais cumprimentos.

— Quando foi da primeira entrada dos francezes em Lisbôa, já tinha findado 21... bote-lhe os calculos.

— Com que então conta mais de 84?

— Findei 85, vae para dois mezes.

— Mas está perfeitamente de cabeça — affirmou o mancebo.

— E V. Ex.ª deve notar que teve sempre vida trabalhosa. Provavelmente tambem andou a tombos com os Apostolicos e depois com os Migueis? — permittiu-se Pedro interromper.

— Bó! se andei... a dansa dos Migueis foi outro dia, a bem dizer.

— Sim, acabou ha trinta e sete annos, visto estarmos em 1871.

— Bagatella! — replicou o velho, faceto — Mas vamos ao caso: os srs. vinham para...

— Para colher informações precisas sobre o combate de Santa Barbara, em 1809, e irmos visitar a posição.

[1] Por esta designação são denominados os rapazotes que fazem recados, no norte do paiz.

— Ah! — fez o veterano, entristecendo — de lingua sou eu um barra... mas as excommungadas das pernas, as mofinas! Valha-me o Senhor!

— Não se afflija — cortou Fernando — nós contentamo-nos com as suas descripções cheias de colorido... iremos depois sósinhos dar com os logares citados com tanto conhecimento de causa.

— Nada, não senhor... tudo se compõe: mandó chamar o meu sobrinho, o Carlos. Oh! Maria, vae por teu tio, caminha cachópa.

— Para quê tantos encommodos?

— Qual historia! não lhe dão freima nenhuma, ágora dão! Elle é perdido por estas coisas; fala pela minha bôca e conhece o terreno a palmos.

— Tanto mais obrigado.

— Táte! que elle ahi está; vão mais o rapaz e ao serão batam ao ferrolho; eu, com'assim quero ter a satisfação de espairecer um bocado e dar á taramella com gente que sabe dar o valor ás coisas. Bons tempos aquelles, apezar dos trabalhos!

O respeitavel ancião deu minuciosas instrucções ao seu parente, discipulo e admirador, pondo-se os trez a caminho sem mais delongas.

* * *

As montanhas de Santa Barbara ficam a pequena distancia de Chaves, cêrca d'uma legua para S. O; dominam completamente a villa e planicies adjacentes e cobrem o caminho para o Porto, via Villa Real, isto é, a linha d'operações d'então pelo valle do Tamega.

Foi n'aquella posição que Silveira, o futuro conde d'Amarante, se estabeleceu a 7 de março de 1809, quando soube que não podia contar com o auxilio do exercito do marquez de La Romana, nem tão pouco receber reforços de Bernardin Freire, isto ao vêr-se sem cavallaria capaz e ameaçado por forças francezas extraordinariamente superiores. De lá, e com magoa, presenciou Silveira o deploravel motim que os habitantes de Chaves fizeram, querendo louca e fanaticamente defender á fina força a arruinada e desprovida praça.

O quartel general foi estabelecido em S. Pedro d'Agostem.

A 12 de março pela manhã capitulava Pizarro e rendia-se, como não podia deixar de ser, a desmantelada praça de Chaves, apezar do encansinado patriotismo dos seus ferrenhos e desorientados defensores.

NA MATTA DO BUSSACO

Soult procurou então sitiar o campo de Santa Barbara, começando por tentar involver as tropas. N'este proposito simulou um ataque por Nantes, para depois cahir a fundo sobre o quartel general de Silveira.

Consciente do perigo que o ameaçava e depois de gloriosa defesa, em que o inimigo foi rechaçado, retirou o gnneral portuguez para Oura e Reigaz atravez de desfiladeiros e portellas de facil defeza.

Não se julgando ainda seguro alli, concentrou Silveira as suas forças mais á recteguarda, em Villa Pouca de Aguiar, onde esperou os france-

zes e se fortificou, sempre no intuito de lhes embargar o passo por Villa Real.

Foi n'isto, a bem dizer, que consistiu o exordio do guia do nosso protogonista. Escapa, porém, aos nossos recursos a prolixidade do enthusiasta rude, o pittoresco e caracteristico da linguagem de Traz-os-Montes e a emphase d'um descendente dos bravos soldados do Conde d'Amarante.

Summarisados os acontecimentos, andaram pesquizando vestigios de pontos fortificados, visitando os sitios em que se deram estes episodios, percorrendo o theatro d'aquellas peripecias.

Fernando seguia a narrativa e a visita com o maximo interesse e funda commoção, mas, no intimo, soffria de vêr avultar a seus proprios olhos a ignorancia em que se achava mergulhado e lhe estorvava tirar as verdadeiras illações dos factos alli succedidos, suas origens proximas e remótas. Afigurava-se-lhe que tão grandes haviam sido os seus maiores na adversidade e perigos, quanto elle revelava desleixo e indifferença nas blandicias da vida airada. Não o picava a vaidade, vencia-o o tédio de si proprio.

O cicerone, tendo aquecido com a importancia ligada á sua pessôa e conhecimentos, deu largas á mal reprezada indignação e exclamou:

— E' para que os Senhores vejam o caso que os portuguezes fazem da sua independencia! Nem uma lapide, uma pedra tôsca, sequer, a attestar os serviços dos que á fina força, teimaram em querer ser portuguezes!! De que serviu tamanha labuta e *sacrificios*? Andou depois o *Blintom*, os Senhores sabem que era o general dos inglezes, a consumir-se para fazer as linhas de Torres Vedras! Pois quitava tantos gastos e freimas, se de primeiro tivessem composto o castello de S. Neutel e muralhado de nove a praça de Chaves! Isto é mesmo uma dôr d'alma mostrar a gente aos extrangeiros aquellas ruinas! Eu cá, sou portuguez de lei e consumo-me com taes bamdalhices... Ha então uns annos para cá que não tratam senão d'esbandalhar tudo! Pelas eleições então é um desafôro; quando os da condonga politica desembéstam á caça de *botos*, cahem lhe em riba os galfarros do alheio e tudo que *bota* pelo governo faz casas com material da praça! O castello, coitado, é que vae mingando que até faz *incrivele!* Eu cá sou portuguez e por isso elles me teem de ponta; tome nota· logo que a cambada faz das suas, passo parte para as folhas do Porto e *inté* já me tenho batido com cartas anonymas ao Ministro da Guerra. Eu cá, quero ser portuguez, tomem nota. Os Senhores vão para Lisbôa, não vão? Pois seria uma obra de mesiricordia desmascarar por lá esta *croja*.

. . . .

E seguindo n'este diapasão, era um nunca acabar de protestos patrioticos e um chorrilho de catilinarias nos governos e nos mandões locaes.

De volta a Chaves, despediu-se Fernando affectuosamente do guia e pretendeu gratifical-o, porém, com espanto, viu que o homensinho, meio offendido e vexado, recusava a gorgeta dizendo:

— Muito obrigado, obrigadinho, mas, com'assim, não acceito: eu regalo-me de prestar ao paiz os serviços que estão nas minhas fracas pósses... que os pandilhas não déssem cabo de Portugal bondava-me!

— Mas o tempo e o trabalho perdidos? — Insistia Fernando.

— Não faz *miga*, tenha um homem saudinha, quant'é o resto, tudo vae bem. A sua obediencia, adeusinho até mais vêr. — E por aqui me sirvo.

— Por esta é que eu não esperava! — Fez o mancebo, cortejando o outro, que se auzentára pressuroso.

— Pois procure-os V. Ex. por cá—Tornou-lhe Pedro — que ainda, graças a Deus Nosso Senhor, ha-de encontrar muitos d'estes; brutotes, mas amantes do torrão em que nasceram.

*
* *

Recolhendo da excursão, veiu Fernando almoçar ao hotel, d'onde sahiu novamente para se ir apresentar ao general.

Pelo caminho ia meio vendido, comprehendendo a sua falsa posição d'official do exercito, por assim dizer, só no papel.

Fazendo das fraquezas forças, lá se sahiu o melhor que poude do embaraço e conseguiu mesmo atrapalhar uma desculpa plausivel por se apresentar á paisana.

Para matar tempo e não desgostar Pedro, andou com este percorrendo as estreitas ruas da villa, que se diz fundada pelo imperador romano Flavio Vespassiano; foi ainda visitar a ponte sobre o Tamega, coeva tambem d'aquelles conquistadores da peninsula e, por fim, deu comsigo a examinar os misserrimos restos das antigas muralhas da praça. D'este passeio trouxe tristes impressões, principalmente no tocante aos quarteis, de cavallaria 6 e Infanteria 13, por então; o primeiro mais parece acantonamento do que pousada puramente de tropas, o segundo, hoje do 19, é tão mau como os pessimos do resto do paiz.

Antes de jantar preveniu Pedro de que lhe dispozesse as coisas para partir no dia seguinte para a Regoa.

— O quê! Pois já não quer ir a Villa Pouca, a Amarante, como tencionava?

— Não homem... mais tarde pagarei essa sagrada divida, farei a piedosa romaria .. preciso, porém, de ir lá com olhos de vêr; por agora, só ganharia com a digressão aborrecer-me de mim proprio... Se és meu amigo, não me falles mais n'isso

Acabada a refeição, cumpriu Fernando a promessa feita de manhã ao veneravel veterano. O velho, felicissimo, deu largas durante bôas trez horas a sua loquacidade, ejaculando a historia de passados feitos, que abundou de anedoctas picantes, chistes apropositados; e descobrindo, por ultimo, que conhecêra perfeitamente o avô do nosso protogonista.

Findo o serão em casa do velho soldado, dirigiram-se para a hospedaria, o nosso Fernando e o bom do servo.

O mancebo vinha calado e pensativo, de repente, porém, voltou-se para o companheiro e desfechou-lhe a seguinte pergunta:

— Oh! Pedro, que botequim era aquelle das Parras onde o velhote disse ter ido levar um officio da Junta do Porto ao avô?

— Então não sabe! Era o botequim do José Maria das Luminarias, no Rocio, em Lisbôa, aquelle que illuminava sempre que os francezes levavam para o seu tabaco.

— Ah! — fez Fernando e amolou o caso.

Chegado á hospedaria e ajudado por Pedro, pôz em ordem a bagagem para partir no dia seguinte, despedindo-se pouco depois do criado, na intenção de se deitar.

Quando ficou a sós, sentiu-se possuido de grande tristeza, salteiava-o o enfado da propria pessôa; até Pedro, o escudeiro, lhe dava quinaus em historia! E, como não havia de ser assim? Se elle invertêra o norte da vida, fizéra dos divertimentos alvo constante, relegando o trabalho e o estudo para o ról das coisas superfluas, d'aquellas que se fazem de quando em quando, para quebrar a monotonia das pensões de todos os dias! — Valha-me n'este momento alguma coisa capaz d'estimular-me, de dar-me forças para conquistar a propria estima! Pobre Henriqueta, e pensar eu que sei amar-te!... Hei-de sabel-o, embora tarde o logre! Que a solemne promessa feita junto do leito de minha avó seja d'ora avante o palladio dos meus esforços, como tu, suave e tentadora esperança d'um porvir seductor, serás o phanal que ha de marcar derrota aos meus passos mal dirigidos até aqui!

Depois de passêar agitado pelo quarto, resolveu-se, emfim, a metter-se na cama.

Emballado por canções gloriosas ouvidas na infancia, conseguiu conciliar o somno. O descoroçoamento do presente fôra substituido por novas e inebriantes esperanças no futuro; da familia preterita vinham os solidos alentos, para o lar vindouro se encaminhavam as esperanças levantadas.

Deixêmol-o, pois, dormir tranquillo, não vamos desatar bruscamente, nem mesmo em sonhos, o laço mais efficaz que prende o homem ás sociedades e o vincula ao gremio nacional, á patria. Deixêmol-o, deixêmol-o dormir abraçado ao amor de familia.

Bento da França.

Reflexões sobre o uso do tabaco

Depois de eu ter fumado, como a maior parte dos estudantes, durante o meu curso medico, renunciei o habito de fumar, pelo que me considero actualmente feliz. Corro pois o risco de ser considerado um renegado do tabaco de fumo, e, por conseguinte, as reflexões que me inspira serão talvez suspeitas a mais d'um fumador. Comtudo a minha intensão não é espesinhar o idolo que adorei. Pretendo examinar a sangue frio, alguns dos motores que nos levam a fumar e as consequencias que d'ahi resultam para a saude do corpo e do espirito. Servir-me-hei dos meus antigos apontamentos e impressões e, comparando-os aos resultados das minhas observações quotidianas talvez chegue a apresentar um quadro verdadeiro d'alguns pontos de physiologia do fumador.

Em primeiro logar porque se fuma?

As primeiras vezes, quando se fuma, experimenta-se uma sensação desagradavel, concordam todos, e se nos guiassemos por esta primeira impressão, ninguem fumava; mas fuma-se por imitação. Repare-se para um fumador, parece ter sobre as mais pessoas a superioridade do homem que trabalha sobre o homem ocioso; parece que espalha o fumo em volta de si com um sentimento de satisfação. A sua sorte é invejada. Não se está bem ao seu lado. Querem imital-o, porque julgam que elle experimenta uma felicidade de que estão privados. E imitam-n'o, porque é da natureza do homem imitar o que vê fazer; o mal mais depressa que o bem. Esta influencia da imitação é immensa; exerce-se no physico e no moral, ninguem se póde eximir a ella. Não temos um exemplo no que se chama *a moda*, a qual não é outra coisa que a imitação? O seu poder é tal que todos se lhe submettem, até os mais intelligentes; chega-se a usar os fatos mais ridiculos e incommodos e a acceitar os usos mais absurdos e menos justificados. O mesmo acontece com o fumar. N'uma reunião de homens, o que não fuma confessa, quasi com embaraço, que não usa cachimbo, charuto ou cigarro. Parece que n'isso ha para elle um signal de inferioridade. Muitas vezes alguns, para se porem ao par dos mais, acendem um charuto de que tiram algumas bafuradas, posto que não experimentem o menor prazer. É certo que o não podem avaliar; experimentam até certas sensações vertiginosas muito desagradaveis, mas mostram valor, seguem os mais como os carneiros de Panurge.

O consumo do tabaco tem augmentado progressivamente. Em 1842, o imposto fiscal do tabaco rendia 80 contos, cifra já respeitavel. Ao cabo de vinte annos, em 1862 elevou se a 180 contos e ainda mais nos annos subsequentes. E assim devia ser. Grande parte dos paes fumam, os filhos naturalmente querem imital os e se logo no principio são desviados pelo sabor desagradavel do tabaco, chegam com os annos e á força de perseverança a vencer a repugnancia dos primeiros dias. Julgam alcançar uma grande victoria, quando pódem fumar um charuto inteiro; desde então, emancipam-se, estão homens feitos. O que acabo de referir, é a historia de todos; é a minha, é a de todos os meus collegas de collegio e ainda hoje não posso cohibir-me do vicio quando me recordo de todos os incommodos passados em a nossa iniciação nos encantos do cigarro.

Não insistirei sobre os phenomenos que produz o tabaco quando se não está habituado a fumar; augmento de resecção salivar, nauseas, vomitos, indisposição especial analogas á que precede a syncope, dysenteria. Supponho o noviciado terminado e tendo o fumador o paladar já insensivel ao mau effeito do tabaco gosando justamente a felicidade que lhe dão os seus vapores narcoticos, tratarei de analysar as sensações que elle produz e que são muito complexas.

Primeiro ha a satisfação d'um habito que, como todos os habitos, se torna uma necessidade imperiosa. É principalmente apoz as refeições que esta necessidade exerce a sua tyrania com mais violencia. É a ella que devem o singular espectaculo de todos os fumadores e por conseguinte de todos os homens até os mais elevados, os quaes, quando terminam a refeição, fogem da sociedade feminina para satisfazer, não direi a sua paixão, mas as exigencias do seu habito. Que pensavam dos nossos costumes os homens da sociedade do seculo XVIII, esses modelos da urbanidade e de civilisação? Nunca presumiriam que a mulher, a quem renderam verdadeiro culto e que rodearam de tantas e tão delicadas attenções, seria algum dia desprezada por um pouco de fumo. Outros tempos, outros costumes, bem sei; mas sobre este ponto de vista póde dizer-se que o nosso seculo é de progresso? Não me parece.

Houve uma epocha, que não vae longe, mas actualmente tudo caminha depressa; houve uma epocha, dizia eu, em que o homem bem educado não fumava onde estivesse uma senhora. Hoje, se ha alguns que conservam estas sãs tradições da cortezia, ha muitos que a omittem. É facto que perguntam, antes de accenderem o charuto, se o fumo incommoda e que obtem permissão á custa quasi sempre da timidez, que os amaldiçoa interiormente Mas sejamos justos, os fumadores ignoram quanto é desagradavel a qualquer, que não fuma, collocado n'um espaço muito limitado onde se fume. Como impertinente o imperio do

habito, é necessario que lhe obedeçam. Decididamente o tabaco baixou o nivel da urbanidade.

Parece que o fumador não possue um equilibrio muito harmonioso em todas as suas funcções para luctar com vantagen contra a influencia do tabaco e saborear o seu acre aroma. Nas doenças, emquanto o chá e o café continuam a ser agradaveis ao homem, o tabaco é-lhe antipathico, o cheiro desagradavel; mas quando tem saude retoma o seu querido habito. É mesmo para o medico um signal infallivel; se encontra o doente fumando e fumando com prazer, á parte qualquer symptoma, póde ficar certo que está em plena convalescença.

O prazer dos olhos está para muitos em fumar. Reparae n'um fumador todo entregue aos gozos que lhe proporciona o charuto. Ao mesmo tempo que entregou o espirito a uma especie de distracção, de que mais tarde fallaremos, segue attentamente com a vista as fórmas mais ou menos caprichosas, mas sempre differentes do fumo que expelle dos labios de certo modo que denota, á primeira vista, uma disposição commoda. Pergunte-se a esse homem que prazer experimenta não olhando para o fumo que desapparece na atmosphera: as mais das vezes não saberá responder e todavia, se tenta fumar com os olhos fechados, não tarda a renuncia; se teima, continua fumando o cachimbo ou charuto apagado. De facto, não ha fumadores cegos. A renovação do fogo no charuto ou cigarro a maior ou menor regularidade com que se opera a combustão do tabaco, a maneira como a cinza se mantem, são assumpto d'uma sollicitude particular da parte do fumador, e, se está só, estas circumstancias são para elle uma occupação, uma verdadeira companhia. Mas tudo isso faz parte do prazer dos olhos.

A'parte d'este prazer, encontra-se no tabaco, ou antes na acção de fumar, alguma coisa muito saloia e que falta a muita gente: o porte. Eu me explico.

Quando se fuma, as mãos estão occupadas quer enrolando o cigarro, quer tendo entre os dedos o charuto ou o cachimbo. Em geral, muita gente não sabe o que fazer ás mãos e o que digo é tão verdade, que ha individuos que tiram o retrato com o charuto na mão. Não creio que isto seja para ensinarem aos seus descendentes ou ás futuras gerações que fumavam; não creio que imaginem que estas insignias os salve do esquecimento como poderia fazer o pincel d'um pintor; não, sustentam entre os dedos um charuto ou um cigarro, por ser um meio de utilizar as mãos, que não sabem como as hão de pôr.

Não descreverei a expressão da physionomia do fumador; todos a conhecem, Manet pintou-os com a sua horrenda realidade. Não é a mesma em todos e varia conforme usam charuto ou cachimbo. Mas, em qualquer caso, não concorre para aquella sublime magestade do semblante cantada pelo poeta como apanagio exclusivo do rei da creação, e certamente não foi creado para inspirar o buril d'um Phidias; mas, tem mais d'uma vez divertido o lapis d'um Chan ou d'um Gavanni. É uma compensasão.

Depois de ter, para assim dizer, passado esta pequena revista, resta-me, tocar agora no ponto capital, isto é, a acção do tabaco sobre a intelligencia.

Os seus vapores narcoticos dão ao espirito grande socego e particular tranquilidade. O fumador entrega-se a uma agradavel distracção que não é bem a perda do fio das ideas ou da intelligencia, mas as concepções são menos persistentes e menos perigosas; e, cousa notavel! se o fumador não quer deixar-se levar por esta influencia, ou porque forma uma ideia dominante ou porque se entregue a um trabalho serio que lhe absorve toda a força viva do espirito, pode resistir á influencia narcotica e reprimil-a. Ha homens muito intelligentes, sabios mesmo que fumam trabalhando; mas então ha lucta entre a intelligencia e o narcotico, lucta em que a primeira fica superior. Effectivamente, ás vezes no momento em que o espirito está mais preoccupado, accende-se o charuto que logo se apaga. N'outras circumstancias, se o esforço intellectual é menos, este pode andar a par do narcotismo: assim, vê-se muitos individuos fumarem lendo romances, jornaes etc., n'uma palavra, obras que reclamam fraquissima tensão d'espirito e muitas vezes mesmo, quando o interesse do livro não é grande, o leitor redobra os cuidados e a attenção para o charuto, o qual termina por prendêl-o de todo. O seu olhar vagueia machinalmente sobre a pagina; já não lê; cae na distracção que ha pouco fallâmos.

Este narcotismo continuo da intelligencia nas pessoas que fumam muito, esta lucta incessante do espirito não enfraquece naturalmente o desenvolvimento das faculdades intellectuaes? Não sabemos responder. Nada mais difficil. Que termos de comparação se hão de tomar n'um fumador? Podem apreciar o grau d'intelligencia, podemos perguntar a nós mesmos se seria mais intelligente não fumando; mas, é claro, que a resposta a esta ultima pergunta falta sempre.

O Dr. Betllon (União med., março 1865) fazendo a estatistica dos fumadores d'um curso da Escola Polytechnica (55-56), obteve para as 3 classificações do anno este resultado: que entre os alumnos que alcançaram os vinte primeiros lugares havia 5 a 8 fumadores; que entre os que obtiveram os lugares 2.º a 40.º havia 9 a 12 fumadores e assim sucessivamente, isto é, que o n.º de fumadores cresce progressivamente á medida que a classificação é mais desfavoravel.

Este resultado, muito sincero, leva nos infelizmente a uma serie de numeros muito restrictos para que possa tirar-se uma conclusão. O Dr. Betllon é o primeiro a fazer notar isto; mas se novas observações feitas com o mesmo fim vierem confirmal-o, deveria admittir-se concludentemente que o uso do tabaco tem influencia sobre os trabalhos espiritoaes. Citam-se, de resto, factos bem observados e incontestaveis que provam que em certos individuos o tabaco tem influencia deprimica sobre a memoria (Fousagriaes).

Seja, como fôr, admittindo que, em geral, o tabaco não tem outra acção sobre a intelligencia que o estado de turpor de que fallamos, é evidente que repetindo-se com frequencia, diminue cada vez mais a duração da actividade intellectual (e sopondo dois individuos eguaes, debaixo do ponto de vista das faculdades espirituaes, dos quaes um fuma frequentemente e o outro abstem-se de todo, é evidente que n'um mesmo espaço de tempo a intelligencia do ultimo terminará a sua tarefa mais tarde e mais regularmente que a do fumador, que 8 a 10 vezes por dia, é obrigado a soffrer a acção narcotica do tabaco. Entre os homens mais notaveis pela massa de conhecimentos e trabalhos intellectuaes, não se vêem grandes fumadores.

Acabamos d'estudar os motivos que nos levam a fumar, as sensações que produzem os vapores narcoticos do tabaco e os seus effeitos sobre a intelligencia. Agora perguntamos: o uso do tabaco acarreta taes inconvenientes que seja preciso prescrevel-o?

Colloquemos esta grave questão só sob o ponto de vista dos effeitos do tabaco sobre o organismo; porque é evidente que sob o ponto de vista de bem estar material dos individuos, é para muitos motivo de despeza elevada. Não quero, porém, fazer questão por este lado.

E' claro, que se houvesse sempre prudencia de fumar 2 ou 3 charutos dia a dia não me occuparia do uso do tabaco. N'esta dose, uma vez adquirido o habito, o tabaco não pode ter perigo; mas são poucos os fumadores que se limitam a tão pequena porção de tabaco; grande numero chega a doses consideraveis, fumam de manhã até á noute, e até mesmo quando se deitam. Quando este habito toma taes proporções, o perigo surge então. Apparecem dyspepsias teimosas e perturbações nervosas mais ou menos graves. Citam-se paralysias, palpitações, anginas de peito etc. M. Sichel observou amouroses attribui-das ao abuso do tabaco.

Objectar-se-ha que o numero dos accidentes, comparado ao dos grandes fumadores, é muito restricto.

E' facto, mas a possibilidade d'estes accidentes não é o unico perigo que os ameaça. Além dos inconvenientes d'este narcotismo continuo, que deve limitar muito o trabalho espiritual, os fumadores devem recear muito da apetencia para as bebidas fermentadas, a qual, avivada constantemente pela seccura que o fumo do tabaco desperta na bocca, torna-se uma necessidade não menos imperiosa que a primeira. Eis um perigo talvez ainda maior que o do proprio tabaco por que chega-se fatalmente ao alcoolismo.

Tal degradação é pessima e não tem desculpa. Entretanto ha profissões nas quaes comprehendo o uso, ia quasi dizer, o abuso do tabaco. O marinheiro encontra n'elle o meio de enganar os aborrecimentos d'uma longa viagem. Ajuda o soldado a supportar o ar dos campos e talvez mais d'uma vez tenha attenuado a idea muito viva da patria ausente. Mas que o homem intellingente, cuja vida é sempre occupada em trabalhos de espirito, se entregue com excesso ao uso do tabaco não se explica.

Não posso deixar de citar, para terminar, as seguintes palavras de Dupytren, referidas por um seu discipulo: «Não comprehendo dizia o illustre cirurgião, o progresso d'este nocivo habito entre as classes illustradas. Não se acredita que um homem d'educação consinta, de proposito, em abaixar o nivel da intelligencia; que um homem, que tem o orgulho da educação litteraria ou scientifica, prefira, como sublime goso do espirito, o ignobil prazer de se envenenar e de envenenar os mais».

S.

OURO ESCONDIDO

NOVELLA ITALIANA DE SALVATORE FARINA

(Continuado do numero anterior)

XXVII

Um escrupulo de namorada

Se não fôra a Tranquilina, não teria aquelle aquelle pár de velhotes sem tino despegado de ao pé do Frederico, o qual infinitamente lhes agradecia tanta amizade; teria dado, porém, uma semana inteira do seu viver futuro para ficar a sós com a Amalia.

Cedeu a amizade, posto que sobre posse, o logar ao amor; o Joaquim e o Rómulo, sem duvida, julgavam-se com direitos a permanecer indefinidamente ao lado dos dois amantes, para os ajudar a adorar-se.

— Até que afinal, lá se foram! Com o pretexto de sahirem todos a respirar o ar puro da manhã, desceram os outros a escada, deixando á vontade os dois jovens.

Tinham tanto que dizer um ao outro!

Contemplaram-se mutuamente por instantes; apertaram as mãos, silenciosos; e a Amalia, depois, poz se que nem uma romã, e entrou a chorar.

Comprehendeu o Frederico aquellas dôces lagrimas e deixou as cahir uma a uma; depois, enxugou o semblante á formosa menina e apertou d'encontro ao peito aquella gentil cabecinha.

E assim estiveram, contando em silencio as pancadas dos proprios corações rendidos de amor, até que, atravez da ampla janella que dava luz á escada, penetrou a voz do Joaquim, que chamava «Frederico!»

Os dois namorados separaram-se e prestaram o ouvido; pouco depois, outra voz, a voz formidavel do Dr. Roque, bradou: «Amalia!»

Seguiu-se breve silencio, depois o écho d'uma risada prolongada e distante; depois a solemne tranquilidade de uma hora de amor, medida pelo latejar de dois corações unidos outra vez por estreito abraço.

— Amalia! — murmurou o mancebo; e a menina, erguendo os olhos, murmurou:

— Frederico!

E pareciam ambos despertar de um sonho; elle, primeiro, beijou-lhe a fronte; depois, baixando a voz, de labios a labios sussurraram palavras que não deviam de ter accentos terrestres. Elle, por fim, disse:

— Olha para mim, de frente — assim.

Vês, vês bem? todas as horas do dia, desde o primeiro instante em que te vi, tenho te amado d'este modo — Vês?

Leve tremor veio agitar o corpo gentil da Amalia, a qual, almejando por que a desmentissem, balbuceou:

— Não é verdade!

— Se é verdade! — insistiu o Frederico, abaixando ainda mais a voz. — Lembras-te d'aquelle dia em que te comprei os beijos na feira, d'aquelle outro que permaneci tão frio na tua presença e me retirei sem te estender a mão? Pois bem, já então te adorava; cada palavra severa que proferias, aqui ficou dentro gravada como se fôsse musica; os olhares desabridos que me dirigias, estou os vendo ainda, e vêl-os-hei para sempre. Aquella Amalia cruel ensinava-me a amar a Amalia benigna e meiga que agora encontrei.

— Dize-lhe que sim! — atalhou a joven, sorrindo, tremula — então não querias tu saber de mim, amavas outra... E eu...

— E tu? — interrogou ancioso o Frederico.

— E eu não te podia soffrer, detestava-te — respondeu a rir a Amalia; — agora sou tua, castiga-me.

— És minha! — exclamou arrebatadamente o mancebo — minha para sempre, repéte o que te digo: «Sou tua por toda a vida; sou tua por toda a eternidade.»

— Sou tua por toda a vida — repetiu a Amalia, e, pensativa, deixou cahir a cabeça sobre o peito.

— Frederico — clamou a voz do Joaquim — vem vêr quem aqui está.

Olharam os noivos um para o outro amorosamente; abraçaram-se em silencio, e desceram a escada de mãos dadas.

— Adivinha quem é — disse o Joaquim.

Posera a joven nos labios um sorriso para sahir

ao encontro do pae e dos amigos, no semblante, porém, lia-se-lhe a inopportuna presença de pensamento melancolico.

O citado velho alegre collocava-se a pár do Rómulo, e entre ambos escondiam atraz de si um individuo, o qual dobrára os joelhos, para impedir que lhe vissem meia testa e um olho por cima do hombro do Joaquim.

— Enéas! — exclamou o ditoso amante; e separando a barreira formada pelos velhos, apertou de encontro ao coração o generoso engenheiro.

— O senhor Enéas! — exclamou, commovida, a Amalia.

— Eu mesmo — disse o engenheiro; — não me esperavam. — Faziam-me já em Calcutta?

— Tanto, não, mas pouco menos. Assim, pois, não partes, ficas comnosco; não é verdade? — insistiu o Frederico.

— Obrigado, alma generosa, obrigado: eu verei lá mais para deante se devo ficar, e entretanto vou ficando. Entrei a pensar em que, sem mim, a turba da tua propriedade que é, como sabes, antiga...

— Picea e luzente...

— Picea e luzente, é isso mesmo, eras capaz de a vender ao primeiro especulador ladino que te apparecesse, por menos de metade do valor .. e eu proprio quero fazer o negocio.

— E só por isso, ficas?

— Por isso e por mais alguma coisa — respondeu com a maxima seriedade o Enéas; — fico porque reflecti que as cartas para chegar a Calcuttá, levam mais de um mez... Minha senhora — proseguiu voltando-se para a Amalia com perfeito sangue frio: — aqui me tem e terá sempre á sua disposição se, por acaso não poder aturar o Frederico, e juro-lhe que elle é insupportavel; se por acaso, conforme espero, vier a odial-o, escusa de se encommodar escrevendo para Calcuttá.

Riram-se todos e a Amalia apertou cordialmente a mão do engenheiro, o qual, abrindo muito a bôcca, exhalou um suspiro fingido, que muito bem poderia encobrir um verdadeiro.

Durante o dia todo, o Enéas andou alégre e azafamado; mais de uma vez, reparando no ar preoccupado da Amalia, aproximou-se d'ella, olhando em redor, e com cautella como qualquer conspirador, e em voz baixa, disse-lhe:

— Pense bem! — e lembre-se de que é insupportavel!...

E como baixasse a voz em momento em que todos o poderiam ouvir, riam todos, á excepção da Amalia, que se contentou com sorrir sem descerrar os labios.

O Enéas, então, afastava-se da «joven mais linda do universo» e ia alimentar a hilariedade dos velhos, dizendo-lhes em confidencia:

— Sabem vocês o que ella tem? — adorame! ..

— Mas, na realidade, o que é que tinha a Amalia? Porque é que, a certa hora da tarde, pouco depois do pae se ter encostado a dormir a sesta para se refazêr do somo inquieto da noite anterior, experimentou ella o desejo de ir accordal-o um quarto de hora antes da hora combinada.

— Papá — lhe disse em tom carinhoso; — estás accordado?

Quér-me parecer que sim — regougou o doutor, saccudiste-me dos pés á cabeça... o que ha? Falla, estou ouvindo.

— Não estás tal; em eu principiando a fallar, tu és capaz de tornar a adormecer.

O doutor Roque, então, abriu muito os olhos, ergueu meio côrpo, encostado ao cotovello e deixou pender as pernas para fóra do leito.

— Papá — começou a dizer a Amalia: — consultei o coração, e estou certa de que o amo.

— A quem o contas! Julgas talvez que não tenho dois olhos na cara; que não sei, ha que tempos, que gostas d'elle?

— Mas o caso é que não gosto d'elle, *há que tempos*, e é a esse respeito justamente, que eu queria fallar comtigo. . E se eu te disser que ha algumas semanas atraz não o podia supportar, e que agora está-me parecendo que sempre lhe tive affecto?

— E' porque sempre lh'o tiveste ..

— Isso não — insistiu a Amalia, abaixando instinctivamente a voz, — asseguro-te que não. — Parecia-me infatuado, orgulhoso, desagradavel e mal parecido, e sem embargo, não mudou: é ainda o mesmo.

— Pois a mim parece-me isso tudo muito simples... Apreciaval-o mal, agora aprecial-o melhor; enconstraste n'elle um espirito recto, um coração capaz de impulsos generosos... o que prova que te não apaixonaste pelo seu nariz, como se dissessemos, mas sim pela sua alma.

— Lógo, têmos alma? — perguntou a joven.

— Pois já se vê — respondeu o doutor, — é o resultado do equilibrio. . .

Deteve-se, porém, e murmurou, entre dentes: — «pois já se sabe que temos!» Proseguiu a Amalia, fazendo um gestosinho a cada palavra scientifica:

— Não, não é verdade que seja o resultado do equilibrio das funcções physiologicas, da temperatura dos humores, da maior ou menor quantidade de glôbulos rubros no sangue: não há hoje mais globulos rubros do que hontem havia, e as minhas funcções physiologicas cumprem-se pouco mais ou menos como se cumpriam a semana passada; e não obstante, eu mudei muito, sinto como não sentia, penso em coisas nóvas e differentes, e amo o que odiava. E amo-o tanto — accrescentou acariciando o pae como que para lhe não inspirar ciumes... amo-o tanto, que a sua vida e a minha me parecem prazo excessivamente curto para o meu amor...

— Percebo — atalhou o doutor Roque, com rabugice carinhosa: — esta senhora pretende a eternidade; — pois não! — quando quizer está ás suas ordens.

D. GUIOMAR TORREZÃO

FALLECIDA EM 22 DE OUTUBRO DE 1898

A Amalia, porém, inclinou um tanto a cabeça para reflectir, e em seguida, ergueu-a como se tivesse vindo illuminal-a uma ideia.

— O que seria dos maiores affectos da vida se com a morte viessem a acabar completamente? O que seriam os papás e as filhas que muito se amam? — Escórias d'essa mãe cega: a matéria cruel e inconsciente.

Erguêra-se o doutor Roque; as suas doutrinas suggeriam lhe respostas mil que a prudencia e o carinho repelliam A Amalia proseguiu:

E que valeria o pensamento que educa o coração e o espirito melhorando-os, que nos transforma, se apoz curta jornada ao longo de poeirenta estrada nos encontrassemos todos novamente no mesmo ponto de partida?

Por fortuna, offereceu-se n'aquelle ensejo ao doutor uma evasiva; tocava a campainha para o jantar.

Agarrou entre os dêdos a barba á filha e, muito serio, perguntou-lhe:

— Olha lá... minha philósophasinha, — sabes o que mais se parece com a fome?

— O apetite — respondeu sem hesitar a Amalia.

— Bravo! — exclamou o pae — pois vamos para a meza.

E foram ambos, rindo.

(Continúa.) *Pin-Sél.*

NECROLOGIA

D. GUIOMAR TORREZÃO

Vida levou de trabalhos e n'uma lucta constante a escriptora distincta, ha pouco fallecida.

D. Guiomar Torrezão nascêra em Lisboa a 26 de novembro de 1844.

Seus ouvidos infantis já ouviram o sopro das primeiras lufadas do temporal, que deveria a pobre criança, orphã de pae aos oito annos, ter por companheiro durante qnasi toda a vida.

N'uma das ilhas de Cabo Verde, onde exercia o cargo de director da alfandega, morrêra o pae de D. Guiomar. Eil-a de volta em Lisboa com sua mãe e duas irmãs pequeninas. A morte do avô, logo a seguir-se, mais desamparada deixou ainda a desgraçada familia em meio da multidão indifferente.

Com os trabalhos de costura mal se ganhava o pão de cada dia. Entretanto D. Guiomar instruiase e, muito nova ainda, conseguia angariar algumas discipulas, a quem ia ensinando instrucção primaria e francez.

Cedo começou revelando a melhor virtude do seu coração e a mais extraordinaria qualidade do seu caracter: o amor ternissimo á mãe querida e a vigorosa tenacidade inquebrantavel.

Por esse tempo, com pouco mais de desaseis annos, escreveu a primeira obra, que viu a luz da publicidade: *Uma alma de mulher*.

O livrinho agradou. A luz tibia da primeira pequenina gloria foi sufficiente para revelar á escriptora o caminho que havia de seguir. Fel-o denodadamente, sem uma tibieza, sem uma hesitação, sem sequer um unico esmorecimento.

Foram dias, mezes, annos de trabalho assiduo, de lucta constante pela vida. Conquistado o nome, preciso se tornava mantel-o.

Preciso era continuar mantendo no mesmo doce conchego carinhoso, a que a costumara, a mãe querida, alvo de seus maiores affectos, velha senhora, cuja morte foi o primeiro cruel aperto mortifero no coração da filha.

Ao mesmo tempo que em varios jornaes, especialmente no *Diario Illustrado* e *Reporter*, escrevia quasi diariamente artigos, muitos dos quaes notaveis, sobravam-lhe os dias para a composição de varios livros originaes e para a traducção de muitas peças, algumas d'ellas representadas nos principaes theatros de Lisboa.

Foram seus livros originaes: ***Rosas pallidas, Familia Albergaria, Meteoros, Paris, Batalhas da Vida, Flavia***, etc.

Escreveu para o theatro do Gymnasio uma comedia ***Educação moderna*** e para um theatro do Brazil o drama ***Naufragio do brigue Colombe***.

Traduziu as seguintes peças: ***Martyr, Condessa Sarah, Dionisia, Clara Soleil, Seculo XVIII e Seculo XIX, Toupinel que Deus haja, Surcouf, Noiva dos Girasois, Medemoiselle Diabrete, Musotte, Gran Galeoto, Menina do Telephone, Dois Garotos***, etc.

Em 1871 fundára o *Almanach das Senhoras*, cuja composição lhe absorvia grande parte do tempo e era uma das suas melhores fontes de rendimento.

Só quem conhece as difficuldades do meio, em que se debatem os que entre nós se dedicam ás letras, pode avaliar as enormes difficuldades que tem a vencer quem fez das letras ganha-pão e tem de por ellas ganhar o pão de cada dia.

D. Guiomar Torrezão luctou constantemente e soube vencer a indifferença do publico. Só a morte a poude vencer e trazer a paz á sua alma.